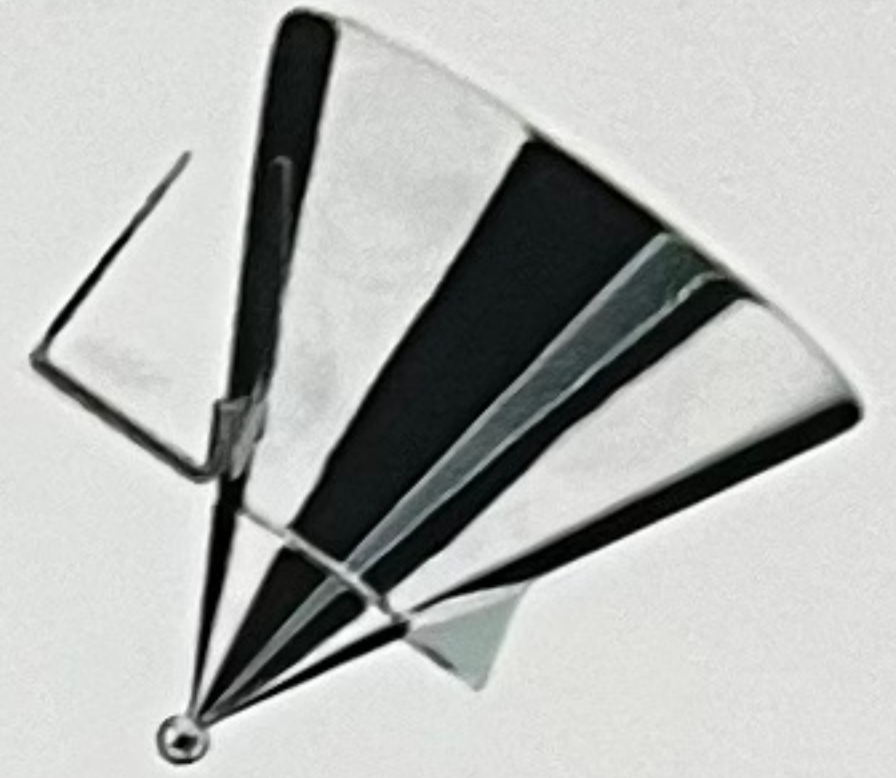




AN



UA



RIO



ROSSI E O DESIGN DE ARQUITECTOS

DACIANO MONTEIRO DA COSTA

Entre os designers é frequentemente questionada a legitimidade dos arquitectos fazerem Design; como é frequente os arquitectos reclamarem o Design como sendo a sua "microarquitectura", usando do maior peso social que têm, reclamando exemplos de bem sucedidas peças desenhadas por arquitectos italianos ou catalães, senão mesmo por arquitectos portugueses. Em suma é uma questão polémica dos nossos dias que faz lembrar outra questão mais antiga e ainda não encerrada: a da Arquitectura dos engenheiros.

Desde já a primeira coisa que teremos de verificar é se o design de arquitecto é sempre Design, ou se é um ansioso exercício mediático, ou ainda um recurso nas falhas de trabalho de arquitectura (e o design de designer será sempre Design?).

Deve também reconhecer-se a inesperada deriva industrializada de certos objectos que começaram por resolver artesanalmente problemas específicos de um projecto de arquitectura (os móveis de Corbusier são disso o melhor exemplo). Também quando o objecto-design-de-arquitecto, é um "indivíduo técnico" desenhado expressamente para a produção e comercialização integradas, também neste caso, não há uma só razão para os designers levantarem bandeiras corporativas e negar-lhe legitimidade.

Quanto à arquitectura de engenheiro, é lá com eles. Será todavia desejável que cada um respeite o ofício do outro (a divisão social do trabalho é um facto histórico irreversível). Os designers como parentes pobres do "Território do Projecto" terão de esperar a sua vez, ou esperar o fim das fronteiras entre especialidades tecnológicas, o que poderá significar voltar toda a

gente de rabo entre as pernas ao velho Vitruvius com "paragem" obrigatória no Brunelêso.

Vem tudo isto tristemente a propósito de Aldo Rossi, agora tragicamente desaparecido (Setembro de 1997), que é o exemplo de um arquitecto-designer que se propõe como centro de uma discussão fora de complexos corporativos e de sujeições sociais; fora da "poeira das estrelas", do "Design de Autor" e da arrogância, ou falta de humildade científica, com que uns e outros entram na polémica. Esta é a homenagem póstuma ao designer e ao arquitecto.

Figura ambígua, proustiana, a morte trágica num desastre de automóvel e a gestão que faz da sua imagem depois de morto (Autobiografia Científica MIT Harvard 1981) poderão fazer dele um personagem de Vaillant ou de Cardoso Pires.

Nem sempre bem amado na sua terra, mesmo pelos seus *compagnons de route*, exerceu uma pedagogia influente, que chegou directamente até nós (Charters Monteiro, ARQUITECTOS - Set. 1997) e ainda que empurrado pela obscuridade recebe um prémio Pritzker (1990) que só a ele, entre os seus contemporâneos italianos, reconhece como "criador de linguagem" (Guido Canella, DOMUS - Out. 1997).

(Se tivéssemos de escolher somente três livros da nossa época a sua *Arquitectura da Cidade* viria junto a *Vers une Architecture* de Le Corbusier e de *Complexity and Contradiction in Architecture* de Venturi).

Alessandro Mendini é o autor de um texto muito oportuno e ainda mais a propósito por que, mesmo situando-se intelectualmente nos antípodas de Rossi, é capaz de reconhecer a capacidade de Rossi assumir uma via metodoló-



Estante Cartesio



Cadeira Museo

gica complementar da arquitectura e do design. Vale a pena citar: "Só Aldo Rossi com a sua cafeteira produzida em grande série... soube conjugar uma relação autêntica, uma combinação real entre arquitectura e objecto industrial, abrindo as portas de uma possível via, inédita e directa, entre as metodologias da arquitectura e do design". (Diseño de Arquitectos en los 80, Barcelona 1987).

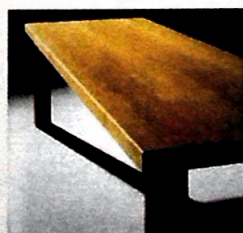
Conhecendo-se o percurso de Mendini fica-se com dúvidas quanto à sua convicção. Mas convicto ou não, abre inesperadamente uma frente enriquecedora da velha questão das metodologias complementares, ou mesmo comuns, ao acto do projecto: do Objecto ao Território. No ano da morte de Aldo Rossi a melhor homenagem que se pode prestar será a de centrar toda a nossa reflexão teórica sobre o seu trabalho: a arquitectura de arquitecto e o design de arquitecto.

Para abrir a discussão pode pôr-se a questão: Será a "Metodologia" do Projecto como processo sistemático estafado nos anos sessenta: ou será o "Modo", como *tratamento* da Memória e de *integração* da História, que prevalece no exercício de despojamento geométrico das tipologias afins da Arquitectura e do Design de Rossi?

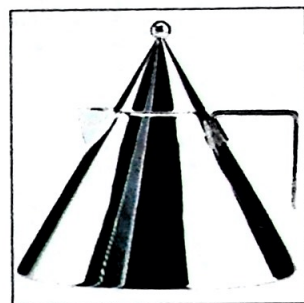
Dito de outra maneira: Mais que uma Metodologia não teremos na Arquitectura e no Design de Rossi o Modo Geométrico Abstracto racionalizante de memórias difusas e de paráfrases históricas?

Ou tudo isto serão apenas jogos de palavras de maus literatos que Rossi detestava?

O sentimento de dívida (de remorso?) que se tem para com Rossi justifica que neste ano da sua morte nos lugares de ensino da Arquitectura e do Design se faça a discussão do "Método" ou do "Modo", que certamente lhe seria grata. Mas a seu gosto: *em grupos restritos e com poucas palavras.*



Mesa Consiglio



Cafeteira "Il Conico" desenhada para a Alessi

ALDO ROSSI *Notas Biográficas*

Arquitecto e designer, nasceu em Milão, em 1931.

Começou a sua carreira, em 1956, trabalhando com Ignazio Gardella e, posteriormente, Marco Zanuso.

De 1955 a 64 foi editor-chefe da revista "Casabella-Continuità".

Professor de composição arquitectónica na Universidade de Veneza e director da secção de arquitectura da famosa bienal da cidade dos Doges.

Na área do design desenhou a máquina de café expresso "La Conica", da Alessi, e a "Il Conico"; e um guarda-roupa, hoje classificado como "micro-arquitectura doméstica", assumida como metáfora da "Grande Arquitectura".

Nos projectos arquitectónicos, salienta-se o complexo de apartamentos na Gallarate, de Milão (1969/73); o cemitério de Modena, de parceria com G. Braghieri (1976); projecto de casa, em Berlim, sobre o Verbindungskanal (1976); o "teatrino scientifico", com G. Braghieri e R. Freno (1978); o "Teatro do Mundo", Veneza (1979).

Projectos de design para o "West Cannareggio", com G. Dubbini, A. De Poli e M. Narpozzi (1980); "Teatro Carlo Felice", Génova (1982) e para a "Torre sobre o Lago Orta" (1986).

Morre em 1997, em Milão.

ROSSI AND THE DESIGN BY ARCHITECTS

DACIANO MONTEIRO DA COSTA

Designers often question the legitimacy of architects' inroads in the field of Design; likewise, architects often claim Design as their own 'micro-architecture', making use of their greater social clout and advancing examples of successful pieces designed by Italian, Catalanian and even Portuguese architects. In short, this is nowadays a controversial issue, reminiscent of an older and yet unresolved question: *Architecture by engineers.*

The very first thing to ascertain is whether architects' design is always Design or an anxious exercise for media purposes, or yet an expedient when architectural work is scarce (and is design by designers always Design?)

One should also acknowledge the unexpected drift towards industrialisation of certain objects which originally solved, by means of craftsmanship, specific problems related to an architectural project (Le Corbusier's furniture being the foremost example). Also, when the architect-design-object is a 'technical entity', specifically designed for integrated production and sale, there is not a single valid reason for designers to wave corporate flags and deny it its legitimacy.

As for the engineers' architecture, it is their own business. It would, however, be desirable that each man respects the other man's craft (the social division of labour is an irreversible historical fact). Designers, as poor relatives of the "Project Turf", must wait their turn, or wait for the boundaries between technocratic areas of expertise to crumble, which may well mean that everybody returns abashedly to old Vitruvius, with a mandatory stop at Brunelleschi.

Sadly, all this is brought to mind by the tragic disappearance of Aldo Rossi (September 1997). He is the example of a designer-architect who stands out as the centre of a discussion outside corporate complexes and social allegiance, outside the 'stardust', the 'Author's Design' and the arrogance – or lack of scientific humbleness – that is so common among those who join the polemics. This is the posthumous tribute to the designer and to the architect.

An ambiguous, Proustian personality, his tragic death in a car accident and the image he projects after his death (Scientific Autobiography - MIT, Harvard 1981) may well turn him into a character by Vaillant or Cardoso Pires.

Not always appreciated in his own country (not even by his *compagnons de route*), he was nevertheless to have a direct pedagogic influence upon us (Charters Monteiro, ARQUITECTOS - Sept. 1997). Although dampened by obscurity, he was awarded a Pritzker prize (1990) that recognised him alone, among his Italian contemporaries, a 'creator of language' (Guido Canella, DOMUS - Oct. 1997).

(If we had to choose only three books of our time, his *Architettura della Città* would rank with Le Corbusier's *Vers une Architecture* and Venturi's *Complexity and Contradiction in Architecture*).

Alessandro Mendini is the author of a very opportune text, even more so because, although intellectually at Rossi's antipodes, he is able to recognise Rossi's ability to undertake a methodological way which is complementary to architecture and design. It is worth quoting: 'Only Aldo Rossi, with his mass-produced percolator (...) was able to harmonise a genuine relation, a real combination, between architecture and the industrial object, thus making way for a possible path – unexplored and direct – between the methodologies of architecture and design. (*Diseño de Arquitectos en los 80*, Barcelona 1987).

Knowing Mendini's path one may well doubt his conviction; but whether or not he was convinced, he unexpectedly opens an enhanced front for the old issue of methodologies complementary – or common – to the act of projecting: from Object to Turf. In the year following Aldo Rossi's death, the best tribute we can give him is the focusing of all our theoretical reflection on his work: the architect's architecture and the architect's design.

We can open the debate with a question: Which will prevail in the exercise of geometric

simplification of the typologies akin to Rossi's *Architecture and Design*? Will it be the Project 'Methodology', as a systematic process worn out in the 60s? Or will it be the 'Mode', as a form of Memory processing and Historical integration? In other words: More than a Methodology, do we not find in Rossi's *Architecture and Design* the Abstract Geometric Mode that rationalises diffuse memories and historical paraphrases? Or are we merely playing with words, as did those ill-literates that Rossi so abhorred? The sense of being in debt (or is it remorse?) towards Rossi fully justifies that, in the year following his death, we undertake the debate on "Method" or "Mode" – which he would certainly favour – wherever *Architecture and Design* are taught. But we should do it his way: in small groups and with few words.